

## EDITORIAL

Adriano Casemiro Nogueira Campos de Sousa<sup>1</sup>  
Xochilt Ibarra Goulart<sup>2</sup>  
Editores

Estimados leitoras e leitores,

Temos o prazer em apresentar a mais nova edição da Revista Em Tese, periódico científico digital vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A Em Tese é editada e coordenada por discentes do PPGSP e publica, com periodicidade semestral, textos inéditos – artigos, ensaios, resenhas, entrevistas e traduções – de pesquisadoras e pesquisadores da pós-graduação *stricto sensu* nas áreas da Sociologia, Ciência Política e afins.

O ano de 2021 se iniciou com novos cortes nos investimentos públicos na área da educação, aprofundando o processo de desmonte da educação brasileira. Por exemplo, uma reportagem da revista Superinteressante apurou que o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) “só pagará bolsas a 396 dos 3080 doutorados e pós-doutorados que foram aprovados para 2021”, o que representa menos de 13% do total (VAIANO, 2021). A situação não é muito diferente para os estudantes de mestrado, visto que o orçamento do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) experimentou uma queda de 29% entre 2020 e 2021, enquanto a verba para bolsas de pós-graduação testemunhou 12% de redução. Recebeu-se esta notícia com severidade e preocupação do que isto significa politicamente para a educação (VAIANO, 2021).

Diante disso, a fuga de cérebros e de mão de obra qualificada de nosso país se impõe como uma consequência da falta de verba e financiamento dos Programas de Pós-

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da UFSC. Bacharel em Sociologia e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Editor associado da Revista Em Tese. E-mail: [adrianocncs@gmail.com](mailto:adrianocncs@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2212-1933>

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da UFSC. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina. Editor associado da Revista Em Tese. E-mail: [xochiltgoulart@gmail.com](mailto:xochiltgoulart@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5204-7842>

Graduação. De acordo com reportagem da BBC News Brasil, esta é a realidade de muitos pesquisadores e pesquisadoras brasileiros, que decidem continuar seus estudos fora do país, e não apenas fora, mas sem o financiamento ou qualquer envolvimento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do CNPq (SILVEIRA, 2020). O medo de terem suas bolsas cortadas no período vigente do seu mestrado e doutorado tem levado esses profissionais a buscarem novas oportunidades no exterior.

O termo “fuga de cérebros” é a respeito disso, essa diáspora de cientistas qualificados que poderá custar caro ao futuro do Brasil. Amor à pesquisa não enche prato. No ano de 2021, estamos vivenciando grandes crises na ciência e na produção de conhecimento, pesquisadoras e pesquisadores qualificados estão enfrentando cada vez mais problemas para se manterem financeiramente no país. As bolsas de pós-graduação não são reajustadas desde o ano de 2013, há oito anos. Aqueles que estão mestrando ou doutorando dedicam quarenta horas semanais em suas pesquisas e cursos. A carga horária é como a de qualquer outro trabalho; no entanto, a ocupação é completamente desvalorizada e desqualificada por uma camada da sociedade que acredita e ataca as universidades públicas que as acusam de serem espaços de “balbúrdia”.

Apesar de tudo, as pesquisadoras e os pesquisadores têm entregue investigações de alta qualidade, porém pesquisar por amor não paga comida, nem luz, nem água e muito menos um botijão de gás. As condições de pesquisa estão paupérrimas, e, por conta disso, os pós-graduandos e pós-graduandas procuram um segundo emprego para poderem viver dignamente e complementar a renda familiar, como demonstrado na reportagem da BBC com depoimentos.

Em manifesto conjunto recente, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a Academia Brasileira de Ciências (ABC), a Academia Brasileira de Letras (ABL) e a Academia Nacional de Medicina (ANM) classificou a situação de perda de financiamento como “alarmante” para a ciência brasileira, principalmente os periódicos científicos. Com a redução das verbas, há muitas preocupações sobre a continuidade de suas produções. De acordo com o manifesto:

Nossas entidades têm conhecimento de que diversas revistas científicas nacionais estão sofrendo sérias restrições com a falta de financiamento e até paralisando suas atividades, sendo que muitas estão classificadas, em suas áreas, com as avaliações mais elevadas do sistema Qualis da Capes (Jornal da Ciência, 2021).



Apesar disso, mesmo com a falta de investimentos nos programas de pós-graduação e com menos bolsas de pesquisas, a comunidade científica continua entregando periódicos de qualidade. A ciência e a educação seguem resistindo nesse cenário desanimador.

Não obstante, o contexto de desmonte dos investimentos em educação e ciência vem se conformando pelo menos desde meados da década passada. No Brasil, assim como em outros países da América Latina, a ascensão da chamada “onda conservadora” após anos do ciclo político progressista está relacionada com a retomada da agenda neoliberal de austeridade fiscal e projetos de privatização. Essas mudanças políticas têm afetado duramente serviços essenciais, como educação, saúde, assistência social e ciência, de modo que a crise decorrente da pandemia levou ao aprofundamento desse processo e, conseqüentemente, das desigualdades. Tal movimento vem contando com a participação de atores políticos tradicionais de direita, mas o que tem chamado a atenção é o fortalecimento e a emergência de lideranças e partidos excêntricos ao sistema político estabelecido.

Tema do presente dossiê da Revista em Tese, as “novas direitas” têm gerado uma pluralidade de pesquisas e debates no âmbito das Ciências Sociais desde esse período no Brasil. Pelo menos desde as chamadas “Jornadas de Junho” de 2013 e, especialmente, as manifestações em prol do *impeachment* de Dilma Rousseff de 2015, pesquisadoras e pesquisadores têm voltado sua atenção para compreender as expressões desses atores de direita que se apresentam com uma roupagem “renovada”, diferenciada do *establishment* político geral e da “velha direita”, bem como os motivos para sua ascensão no contexto histórico recente. Apesar de terem ganhado visibilidade pública no nosso país nesse tempo, os grupos e atores pertencentes a tal campo vêm se mobilizando nas redes sociais digitais desde o início do século XXI, indicando uma forma de fazer política bastante digitalizada, que tem estimulado uma série de investigações nesse sentido (CESARINO, 2019; ROCHA, 2018; SOLANO, 2018).

Na verdade, o fenômeno não é uma particularidade brasileira. Aliada à crise de confiança nas instituições representativas das democracias liberais que vem ocorrendo desde o final do século passado, a crise do capitalismo financeiro de 2008 inaugurou um período de “crise de hegemonia” em vários países ao redor do globo, que tem afetado especialmente a política consolidada em torno do “neoliberalismo progressista” (FRASER, 2018). Como consequência, lideranças e grupos neoconservadores têm obtido vitórias eleitorais e ocupado importantes cargos representativos dos governos e parlamentos de diversas nações. Assim, observou-se a ascensão de lideranças que se apresentaram como

“outsiders” do campo político tradicional, apoiados por campanhas massivas nas mídias digitais.

De qualquer modo, a “direita que saiu do armário” nas ruas brasileiras com a crise dos governos petistas em 2015 se mobilizava em torno de uma pluralidade de enquadramentos sobre a política e visões de mundo difundidos por suas lideranças e intelectuais, marcados por três principais “campos semânticos”: o antipetismo, o conservadorismo moral e os princípios neoliberais (MESSEMBERG, 2017). Esses três elementos convergiam numa perspectiva que se colocava como contrária à política e aos partidos tradicionais, sobretudo de esquerda, assim como aos direitos conquistados através de lutas sociais por grupos populacionais subalternizados, como as mulheres, as pessoas negras e LGBTQIA+. Os principais formadores de opinião dessa nova direita que vinha sendo investigada eram basicamente comunicadores (jornalistas e influenciadores digitais), policiais, militares, lideranças religiosas e de movimentos sociais, como Movimento Brasil Livre, Vem Pra Rua e Revoltados Online. Não obstante, importantes nomes da política institucional como Silas Malafaia e Jair Bolsonaro, então deputados federais, já despontavam como líderes que aglutinavam essas demandas em torno de seus mandatos (MESSEMBERG, 2017; SOLANO, 2018).

No que tange ao campo político, o estudo de Codato, Bolognesi e Roeder (2015) apresenta o processo de ampliação da presença de candidatos de partidos da nova direita nas eleições e no Congresso Nacional a partir de 2010, com destaque para as eleições de 2014. Alguns aspectos que chamaram a atenção nessa investigação foram a maior recorrência de candidatos no Sudeste do país e o perfil sócio-profissional deles, sendo a grande maioria trabalhadores, novas lideranças políticas (comunicadores e líderes religiosos) e, em menor grau, empresários.

Com a crise democrática que suplantou o petismo pelo bloco neoliberal-conservador centrado em Michel Temer em 2016, observa-se, principalmente nas redes sociais, o fortalecimento de sentimentos de repulsa ao *establishment* político e, conseqüentemente, das forças neoconservadoras, em especial após as diversas denúncias de corrupção e políticas impopulares do novo governo. Dessa maneira, o cenário polarizado que marcou as eleições de 2018 deu espaço para a ascensão de mais atores da nova direita para o Congresso Nacional e a vitória do candidato que conseguiu se apresentar como o líder “outsider” que acabaria com a “velha política” por meio de uma campanha de retórica populista apoiada num fluxo massivo de desinformação nas mídias digitais, sobretudo o WhatsApp (CESARINO, 2019). Sua candidatura foi exitosa na reunião de forças políticas



que representavam o antipetismo (estendido a um antiesquerdismo ou anticomunismo geral), os princípios neoliberais e o conservadorismo moral numa versão mais punitivista e regressiva.

Sendo um governo que tem promovido reformas de cunho neoliberal e conservador, encontramos continuidades em algumas políticas com relação à gestão anterior. Além da flexibilização de direitos trabalhistas e sociais, devemos citar os cortes nos investimentos em áreas essenciais para o desenvolvimento humano, aprofundados com a aprovação da Emenda Constitucional nº 95/2016. Desde então, as verbas para pesquisas científicas vêm diminuindo mais a cada ano, afetando negativamente a produção de conhecimentos fundamentais que, inclusive, informam as políticas públicas de resolução dos problemas enfrentados pelo país.

Estudantes, pesquisadoras/es e docentes da educação superior pública têm sido desafiados diariamente com a falta de recursos em seus programas de pós-graduação, de modo que as desigualdades educacionais e problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade, se aprofundam e se impõem como empecilhos para a continuidade da produção científica. Além disso, esses sujeitos têm que se defrontar com atitudes e discursos anticientíficos e negacionistas, proferidos, em boa parte, por atores que compõem o governo, muitos deles provenientes da nova direita, foco do nosso dossiê.

Diante disso, devido à necessidade de atualizar as reflexões a respeito das características manifestadas atualmente pela nova direita e suas dinâmicas sociais, nosso dossiê demonstra sua relevância por buscar promover produções acadêmicas nessa perspectiva. Compreendendo o fenômeno a partir do processo de conquista de parte do público brasileiro através de ideias, discursos e visões de mundo que se tornaram hegemônicos, os autores da proposta buscaram destacar as problemáticas teóricas, intelectuais e discursivas desse campo emergente, sobretudo em sua expressão bolsonarista. Assim, os artigos aqui reunidos são constituídos por investigações, individuais e comparativas, relativas (i) aos recursos teóricos mobilizados pela nova direita em seu pensamento político no Brasil e internacionalmente; (ii) aos intelectuais do campo e suas obras mais referenciadas entre esse grupo e (iii) às ideias coletivas, do senso comum e da retórica bolsonarista que têm sido utilizadas por grupos políticos, imprensa, *think tanks*, indivíduos e coletivos organizados (ou não) na esfera pública.

Diante disso, o dossiê “Nova Direita no Brasil” se abre com a participação de Gabriel Garcia em “Occidentalismo fantástico do chanceler: uma análise indiciária das influências no pensamento globalista de Ernesto Araújo”. Em seguida, contamos com os artigos “Maria



Aragão e a ‘batalha da memória’ envolvendo a ditadura civil-militar”, de Marcelo Fontenelle e Silva, e “O Movimento Escola Sem Partido e a popularização do ódio aos docentes”, de Neide Célia Ferreira Barros.

Adiante, apresentamos textos inseridos nas discussões a respeito de dinâmicas comunicativas digitais. Everton Silva de Sousa e Fabio Gentile nos apresentam o artigo “Da crítica à mídia de massa ao elogio da Internet: Os fundamentos da proposta comunicacional do portal/projeto Estudos Nacionais”. Seguem-se a esse, “A nova direita e as guerras culturais: um estudo de caso da atuação de Ana Campagnolo no Facebook”, de Cristian Sparemberger, Iann Endo Lobo e Igor Campos da Silva, e “Facetas do Guru do Presidente: Representações audiovisuais de Olavo de Carvalho no YouTube e em O Jardim das Aflições”, de Daniel Leão e Paulo da Costa Pereira Neto. Por fim, contamos com as publicações “As novas direitas no Brasil e as estratégias de comunicação política”, de Rodolfo Marques, e “Configurações político-ideológicas no Brasil: o caso da história e distorção conservadora-autoritária”, de Fabio Lanza, Jeferson de Almeida Saraiva Neto e José Wilson Assis Neves Júnior.

Além dessas qualificadas contribuições, agregamos duas traduções e uma resenha que enriquecem os debates dessa edição. Dentre as traduções, Rodolfo Palazzo Dias e Rodrigo Orlando Silva expõem “A direita radical populista: uma normalidade patológica”, enquanto Flavio Pereira nos oferece “Jair Bolsonaro e os políticos evangélicos”. Rodrigo Meyer encerra o dossiê com a resenha “O ressurgimento do populismo e do fascismo no século XXI”.

Finalmente, encerramos essa edição com dois artigos e uma resenha de fluxo contínuo. Tassia Rabelo de Pinho nos fornece um debate teórico e biográfico de dois grandes pensadores europeus do século XIX em “A Política como o Naufrágio das Esperanças: Tocqueville e Weber”. Por sua vez, Santiago Miguel Uliana apresenta uma discussão contemporânea referente aos campos esportivo e econômico, focada no contexto da Argentina em “Transformaciones en el capitalismo global y mercado de jugadores de fútbol”. Daniel de Souza Lemos conclui a nossa publicação com importantes reflexões na resenha “Rosenberg e a saga para desvendar o enigma de Espinosa: Um olhar sobre a obra de Irvin D. Yalom”.

Diante do exposto, nós da Revista Em Tese celebramos mais uma vez a conclusão exitosa de nosso trabalho de editoração e publicação científica, mesmo com os empecilhos impostos pelas crises enfrentadas pela sociedade brasileira e reforçadas pela pandemia. Agradecemos imensamente a dedicação de nossas editoras e editores e de todas as

peças envolvidas de alguma forma no processo de elaboração do dossiê, assim como reconhecemos a importância das ações que têm sido tomadas por atores da sociedade civil para assegurar o desenvolvimento da ciência no Brasil. Esperamos que essa edição traga importantes avanços para o campo científico e possa estimular mais pesquisadoras e pesquisadores a seguir produzindo investigações de qualidade, apesar do cenário desfavorável.

Especial agradecimento também é direcionado às autoras e autores que confiaram seu trabalho em nosso fluxo editorial e às professoras e professores que reservaram algum tempo para contribuir na elaboração de pareceres científicos, tornando possível a publicação desta edição. A lista abaixo apresenta as avaliadoras e avaliadores que elaboraram parecer de manuscritos para esta edição da Revista Em Tese.

A todas e todos, desejamos uma boa leitura!

Ailton Souza

Amurabi Pereira de Oliveira

Angelo Giroto Neto

Antonia Celene Miguel

Bruno Dias Santos

Caio Eduardo Teixeira Vasconcellos

Carlus Augustus Jourand Correia

Daniel Rocha

Dirceu André Gerardi

Elisabete Cristina Cruvello da Silveira

Fernando Perlatto

George Gomes Coutinho

Gianfranco Caterina

Gianne Cristina dos Reis

Guilherme Costa Garcia Tommaselli

Iracélli da Cruz Alves

Joelson Gonçalves de Carvalho

José Cairus

Julia Erminia Riscado

Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino



Luciana Aliaga  
Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha  
Mariana Oliveira do Nascimento Teixeira  
Marcela de Oliveira Nunes  
Mateus Coelho Martins de Albuquerque  
Monalisa Lima Torres  
Paula Gabriela Mendes Lima  
Reginaldo Sousa Chaves  
Rodolfo Scotelaro Porto Darrieux  
Rodrigo Mayer  
Rogério Santos de Castro  
Taís Seibt  
Talita Lucarelli Moreira  
Tassia Rabelo de Pinho  
Tatiana Maria Silva Galvão Dourado  
Victor Piaia

## REFERÊNCIAS

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista Andrologia**, São Paulo, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019.

CODATO, Adriano; BOLOGNESI, Bruno; ROEDER, Karolina (2015), A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião Carlos et al. (orgs.). **Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

MANIFESTAÇÃO SOBRE A SITUAÇÃO DOS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS BRASILEIROS. **Jornal da Ciência**. São Paulo e Rio de Janeiro, 10 jun 2021. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/wp-content/uploads/2021/06/MANIFESTA%C3%87%C3%83O-SOBRE-A-SITUA%C3%87%C3%83O-DOS-PERI%C3%93DICOS-CIENT%C3%8DFICOS-BRASILEIROS.pdf>>. Acesso em: 29 jun 2021.



MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, 2017.

FRASER, Nancy. Do neoliberalismo progressista a Trump – e além. **Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 17, n. 40, p. 43-64, 2018.

ROCHA, Camila. “**Menos Marx, mais Mises**”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVEIRA, Evanildo da. Fuga de cérebros: os doutores que preferiram deixar o Brasil para continuar pesquisas em outro país. **BBC News Brasil**, 18 jan 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51110626>>. Acesso em: 29 jun 2021.

SOLANO, Esther. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo, Boitempo, 2018.

VAIANO, Bruno. CNPq só conseguirá pagar 13% das bolsas aprovadas para cientistas em 2021. **Revista Superinteressante**, 23 abr 2021. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/cnpq-so-consequira-pagar-13-das-bolsas-aprovadas-para-cientistas-em-2021/>>. Acesso em: 29 jun 2021.

